

CRÔNICA

ÁFRICA AO RÉS DO CHÃO

EX-ZERO HORA E EX-EL PAIS, RODRIGO CAVALHEIRO INVESTE O VALOR CONQUISTADO COM O PRÊMIO REI DA ESPANHA DE JORNALISMO NUM DESAFIO SURPREENDENTE. COM A PREMISSA DE SE LOCOMOVER UNICAMENTE POR TERRA E ECONOMIZAR EM COMIDA E HOSPEDAGEM, O REPÓRTER GAÚCHO ENVIUO, ESPECIALMENTE PARA **IMPRENSA**, UM DIÁRIO COM SUAS IMPRESSÕES SOBRE AS INTEMPÉRIES ENFRENTADAS POR UM JORNALISTA NUMA TRAVESSIA DE NORTE A SUL DO CONTINENTE AFRICANO

POR RODRIGO CAVALHEIRO
COLABORAÇÃO DE IAOUNDÉ, CAMARÕES



NOUAKCHOTT, MAURITÂNIA, 15 DE ABRIL, 15H

A barrinha azul que mostra como anda a transmissão do vídeo chega à metade, depois de duas horas. Uma hora de internet nesta terra ocupada pelo Marrocos custa R\$ 0,50. Uma cerveja pequena em terreno muçulmano, R\$ 7,50. Se engana quem pensa que uma conexão tão barata é muito ruim. É terrível. Em geral não é um problema encontrar internet na África urbana. O problema é a qualidade. É possível ver e-mails, mas transmitir um vídeo de 20 Mb pode levar três horas. Isso quando uma oscilação na rede não provoca o pior. A barra está em 73% quando soa o clássico barulhinho de alerta para algo que deu errado: “você não tem acesso ao FTP, comece de novo”, diz a mensagem.

“Putá que o pariu...”

Por sorte a muçulmana que distribui as senhas não entende português. Um jornalista sem internet é 73% de um jornalista.

NOUAKCHOTT, MAURITÂNIA, 15 DE ABRIL, 15H

Salek move o olhar lentamente, como é normal em lugares onde o horizonte está longe. É muçulmano, tem dois filhos e uma mulher.

“Duas mulheres, dois problemas”, diz, repetindo uma piada comum por aqui.

“Idade?”

“Uns 40...”

“Mas exatamente quanto?”

“Uns 40, dizem.”

Não sabe e nem lhe importa a idade que tem. Até estranha a insistência. A percepção do tempo no continente de Salek é diferente. A comida vem devagar, o ônibus atrasa três horas, o táxi só sai quando está lotado (às vezes com 13 pessoas). Por isso não adianta abrir dez janelas na internet, nenhuma vai adiante. Quem trabalha contra o tempo precisa, nestas bandas, trabalhar a favor dele. Um jornalista com pressa aqui é um jornalista em surto.

SAINT LOUIS, SENEGAL, 16 DE ABRIL, 22H

Fqltq u,a horq pqrq fechqr o cyber e o ,qldito teclqdo e, frñces te, qs letqrs forq de lugqr. Trqnsmitir o aue jq estq escrito nqo e proble-mq; ,qs fqlqr co, q redqco e co,plicqdo. Se perde ,uito te,po revisqndo q ortogrñiq. Um jornqlistq usqndo u, teclqdo e, frñces e u, se,iqnqlfbeto.

BOBO-DIOULASSO, BURQUINA FASO, 26 DE ABRIL

O chicote golpeia o pé de uma criança e raspa o celular usado como filmadora pelo jornalista. É o começo do funeral em homenagem aos parentes que no último ano subiram à categoria de ancestrais. Os protagonistas são os iniciados e os espíritos que encarnam (suas fantasias). Estes bailarinos que rendem ótimas fotos representam os mortos, aos quais os vivos, incluindo os fotógrafos, devem temer. Na África em geral, tirar uma foto sem licença é pedir para se incomodar ou ter a mãe ofendida. Quando há uma multidão, não há alternativa senão fazer as fotos e apagar alguma caso alguém proteste. Se os personagens destas fotos tivessem reclamado, não estariam nesta página. E um jornalista sem boas imagens é um jornalista sem espaço.

WINNEBA, GANA, 2 DE MAIO, 6H

Um guerreiro pintado de vermelho ergue o animal e começa a gritaria. Na primeira semana de maio, os moradores desta cidade litorânea no sul de Gana mergulham em tinta para imitar seus ancestrais. Saem a campo para agarrar à unha um antílope vivo. Alguns vestem fantasias extravagantes, outros imitam guerreiros. Um carnaval. No meio de tanta gente esquisita, uma pessoa é sem dúvida a que mais chama a atenção: o repórter branco.

Mesmo quem é moreno não passa despercebido na África. Tem que recorrer a atributos como a nacionalidade para quebrar o gelo, ganhar a confiança e voltar a fazer parte do ambiente. Um jornalista que muda o entorno também é notícia.



GRAN POPO, BENIN, 11 DE MAIO, 13H

O oficial de imigração entrega o formulário para concessão do visto. Isso quer dizer que a parte mais difícil, a de cruzar a fronteira, já passou. E nenhuma delas é fácil na África. Menos ainda quando se chega sem o visto, como agora, entrando em Benin a partir de Togo. Um selo válido por 48 horas é dado ali mesmo, mas sempre há o risco de encontrar um policial disposto a exercer a autoridade. Ou exigir alguma propina. Lá pela quinta linha da ficha aparece o campo “Profissão”. Dessa vez, “professor”. Em terreno autoritário ou populista, um jornalista identificável é um jornalista interrogável.

LAGOS, NIGÉRIA, 22 DE MAIO, 3H

Mais uma gota de suor cai sobre o teclado e isso nada tem a ver com esforço, os lides estranhamente têm saído fácil. Já são 48 horas sem energia elétrica no hotelzinho atrevidamente batizado como Ritz, onde um quarto com ar condicionado custa R\$ 40. Com as janelas fechadas para barrar os mosquitos, calor e fedor já não se dissociam, são sinônimos.

Os cortes de energia na Nigéria nem podem ser chamados assim. São os períodos com eletricidade que fogem ao normal: uma cidade de 13 milhões de habitantes às escuras. Para um jornalista que cobre polícia isso é bom. Lagos tem realmente um problema com a criminalidade. Para um jornalista que quer simplesmente ver e dar a sua visão da África, é uma barreira. A bateria da câmera e do celular, o computador, a transmissão dos vídeos e das fotos, tudo tem que ser programado de acordo com a volta da luz. Um jornalista sem eletricidade é um jornalista apagado.

IKANG, NIGÉRIA, 26 DE MAIO, 14H

A lancha diminui a velocidade. No meio do rio Calabar, que separa Nigéria e Camarões, militares em um barco pequeno ordenam que se aproxime.





“Vocês três, 4 mil cefas [equivalente a R\$ 16]. Vocês aí da frente, 3 mil. E você, passaporte...”

O soldado recolhe o dinheiro da propina e passa o passaporte para o chefe:

“Brasileiro! Turismo?”

“Sim. Vou do Marrocos à África do Sul por terra.”

“E por que não vem de avião?”

“Se vou por terra não posso voar.”

O homem olha todas as folhas, entrega o passaporte e manda o barco seguir sem cobrar do estrangeiro. E o melhor, sem revisar a mochila.

Nas fronteiras, uma boa câmera ou um laptop pode ficar no controle de uma aduana corrupta. Por isso é melhor misturá-los às roupas, colocando as bem sujas no topo. Alguns viajantes garantem que os policiais da imigração têm asco de tocar roupa íntima feminina e, por isso, levam algumas por precaução. Talvez valha mesmo a pena colocar umas calcinhas na mochila. Um jornalista pobre, sem câmera e computador, é um jornalista sem nada.

DOUALA, CAMARÕES, 3 DE JUNHO, 17H

O lide custa a sair. A febre não é alta, mas intermitente. Sobe e desce durante o dia, piorando normalmente no fim da tarde. Não há apetite. O cansaço permanente vira exaustão quando é preciso dar uns passos sob o sol. No quarto de R\$ 30, simples e limpo, dorme-se mesmo quando não se está com sono.

Um sinal Wi-fi vindo não se sabe de onde seria uma bênção para quem está bancando a própria reportagem e buscando em uma missão católica uma cama barata. Uma oportunidade de transmitir todos os vídeos, começar a traduzir as matérias para o espanhol, falar com a família.

Mas a doença afasta o ânimo. Um jornalista com malária é o bagaço de um jornalista.

IAOUNDÉ, CAMARÕES, 19 DE JUNHO, 0H39

Chove e a conexão que surge de vez em quando na missão presbiteriana se foi de vez. Há eletricidade, mas por respeito a Masa, o japonês que agora ronca no dormitório, este texto termina escrito sob a luz de uma lanterninha jogada sobre o mosquito. A febre definitivamente se foi. O problema para seguir viagem está no Gabão, onde aconteceu algo inusual: uma troca de presidente. O anterior, Omar Bongo, morreu aos 73 anos, compreensivelmente cansado depois de 41 anos no poder. As primeiras medidas: fechar as fronteiras, bloquear o trânsito entre Estados e cortar a internet. No exterior, as embaixadas deixaram de dar vistos.

Uma bagunça difícil de se imaginar mesmo no Brasil, um país sim desenvolvido, em algumas coisas. As embaixadas brasileiras, além de numerosas, funcionam. O transporte interurbano terrestre funciona. O futebol funciona (um jogo entre Marrocos e Camarões é de cortar os pulsos). Ir do Marrocos à África do Sul por terra, de carona, táxi e ônibus, é uma forma de conhecer melhor... o Brasil. De saber que pelo menos em duas coisas o “gigante sul-americano” não tem paralelo, mesmo em países com perfil semelhante: a violência urbana e o desperdício de comida. Um viajante compara comportamentos, paisagens e encontra soluções diferentes para problemas familiares. Repensa coisas. E o jornalista que repensa é um melhor jornalista. **i**



VEJA MAIS EM

www.portaimprensa.com.br/revista/247/cronica